



**AMAZÔNIA NO PLURAL: RELIGIÕES,
FRONTEIRAS E IDENTIDADES**

I SIMPÓSIO NORTE DA ABHR
IX SEMANA DE HISTÓRIA DO CESP/UEA
I FAZENDO ARTE NORTE

**O PAPEL DAS IGREJAS NA CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA:
UMA ANÁLISE A PARTIR DA OCUPAÇÃO
DO BAIRRO ITAÚNA II EM PARINTINS (AM)**

GT 4: PENTECOSTALISMOS NAS PERIFERIAS –
IDENTIDADE NEGRA E VIOLÊNCIAS

Anderson Henrique Serrão¹

¹ Acadêmico no curso de Licenciatura em História do Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). E-mail: nepster_henri@hotmail.com.

Delimitação do tema

Este texto é uma versão levemente modificada de um projeto de pesquisa desenvolvido na disciplina de Teoria e Prática da Investigação Histórica do curso de História do CESP/UEA. Tem por objetivo discutir o papel das Igrejas na construção da cidadania de populações econômica e socialmente vulneráveis. A partir da pesquisa bibliográfica, de entrevistas e de observação etnográfica pretendemos apontar para a importância de católicos e evangélicos na formação do bairro Itaúna II, fruto de uma ocupação que se estendeu por vários anos e na qual o Estado esteve, historicamente, muito pouco presente, às vezes mesmo atuando contra a população na consolidação do seu direito à moradia e a políticas públicas básicas. Ao contrário, as lideranças religiosas mantiveram-se sempre ativas nesse novo lugar da cidade, que aos poucos foi se estruturando, às vezes atuando abertamente na defesa dos direitos dos moradores do novo bairro, outras vezes evitando conflitos mais sérios entre os moradores e as autoridades constituídas.

Parintins tem crescido demograficamente nos últimos anos, sobretudo por ocupações. O aumento do número de igrejas tem acompanhado esse crescimento. As igrejas aqui recortadas são de um bairro periférico da cidade, especificamente do bairro Itaúna II, a saber: Igreja de São Sebastião, Igreja Presbiteriana Emanuel e Igreja Assembleia de Deus Novo Israel, sendo de denominação católica, protestante e evangélica, respectivamente. Neste projeto de pesquisa pretende-se estudar as dinâmicas, as migrações inerentes à cada igreja e entender não só o processo histórico do bairro, mas também da própria igreja, de como elas se estabeleceram ali e como consolidaram seu espaço em meio à luta por terra. Não se pretende traçar o histórico das igrejas em si, mas entender, pontuar e discutir suas atuações no cenário político-social tendo o cristianismo como pano de fundo, situando a igreja no seu tempo e espaço. Pôr em discussão e análise a relação dessas igrejas e o protagonismo que tiveram, junto à membresia, na luta por direitos e à políticas públicas básicas.

Por se tratar de igrejas de diferentes denominações, queremos chamar a atenção para as dinâmicas imanentes a cada uma e relacioná-las, partindo de uma perspectiva histórica e sociológica, a relação de cada denominação com o sagrado e traçar perfis de sociabilidade no contexto específico das ocupações. Para entendermos, a partir disso, como as igrejas comportavam-se diante dos conflitos entre os próprios moradores e perante as autoridades constituídas pelo Estado.

Objetivo geral

Analisar a forte influência das igrejas cristãs na luta por direitos civis e inserção dos moradores na sociedade.

Objetivos específicos

1. Mostrar que as Igrejas de São Sebastião, Igreja Presbiteriana e Assembleia de Deus não cumprem papéis voltados somente para a religiosidade.
2. Identificar os valores político-cidadãos ensinados na Igreja e na cultura cristã.
3. Investigar as diferentes maneiras que as igrejas abordam o tema em suas atividades.

Justificativa

As ocupações em Parintins iniciaram-se por volta dos anos 1990. Ainda hoje é uma realidade muito presente, principalmente em terras há muito tempo ociosas e que acabam se tornando atrativos entre as famílias que se encontram em vulnerabilidade econômica e social. Tendo em vista as grandes áreas de terras ociosas na época, estas famílias se dirigiam para elas afim de construir suas casas e transformar aquelas terras, então ociosas, em produtivas. São famílias, em sua maioria, vindas da zona rural e até mesmo de cidades vizinhas como Urucará e algumas cidades do Pará. Este fenômeno ainda é tão presente na cidade como foi nos anos 1990, com a recente criação do Bairro da União, oriundo de uma ocupação. O Estado, no contexto da ocupação do bairro Itaúna II, que deveria oferecer o mínimo de políticas públicas para as famílias, atuou muitas vezes, contra as mesmas, acionando a polícia para reintegração de posse à pedido dos proprietários das terras. Barracos eram destruídos, famílias eram vilipendiadas, a violência física e psicológica era uma constante. Mesmo assim, não tendo para onde ir, as famílias reerguiam o barraco novamente e lá continuavam, esperando por uma decisão definitiva do poder municipal. Finalmente, as terras foram compradas e doadas às famílias cadastradas com o título definitivo entregue em 2003.

Nesse espaço de tempo entre migração para as terras desocupadas até a efetivação da compra, as igrejas atuaram juntamente com a população para um único objetivo, o direito à terra, cada uma a seu modo característico. Porém, notamos uma atuação proselitista maior das igrejas pentecostais e neopentecostais, principalmente das Assembleias de Deus. Talvez porque exista um maior envolvimento da liderança para com seus membros. Isso também se reflete, ainda hoje, nas formas de evangelização que essas igrejas adotam. Por mais que igrejas evangélicas e católicas diverjam-se no que se refere à teologia e à liturgia, as lideranças sempre estiveram atuando junto aos moradores para a consolidação daquele espaço que aos poucos foi se estruturando.

A maioria das famílias que chegaram na ocupação já tinham uma religião, ou seja, já frequentavam uma igreja. Outro ponto importante a ser discutido é o das migrações que ocorriam

de igreja para igreja. Que podia ser de igreja evangélica para a católica, da católica para a evangélica, às vezes, podia ocorrer de pessoas não frequentarem igreja nenhuma, mesmo assim, participavam vez ou outra de alguma atividade promovida pela igreja. Importante salientar as dinâmicas das igrejas. As igrejas evangélicas têm uma proximidade maior com seus membros. O pastor evangélico ou liderança constituída, que podia ser um diácono ou algo próximo a isto, às vezes nem título carregava, estava quase sempre disponível a ouvir e ajudar quem quer que seja dos membros, suprimindo suas necessidades físicas e espirituais. A igreja católica é de caráter mais introspectivo, atuando de forma mais fechada em relação à membresia. Não que isso represente uma falta de interesse da igreja para com as necessidades dos membros, esse modelo é adotado pela igreja há séculos.

As migrações foram um fenômeno muito comum no período da ocupação. Fenômeno interessante foram daquelas pessoas que optaram por frequentar outras igrejas fora da área de ocupação, em bairros já consolidados. Existiram também aquelas pessoas que optaram por não frequentar nenhuma igreja durante a ocupação, porém, após a consolidação da ocupação, motivadas por circunstâncias pessoais, passaram a frequentar uma, em sua maioria, evangélica. Isso aponta para um dinamismo presente nas igrejas. O estabelecimento de uma pessoa ou família num espaço congregacional, de orientação evangélica ou católica, não era estático. Essa mobilidade continua sendo muito mais comum do que imaginamos, mesmo em áreas já estabelecidas. Não podemos esquecer também que houveram famílias que optaram por não frequentar igreja nenhuma, nem pré nem pós-consolidação do bairro. São famílias geralmente de “alma católica”, no sentido de que vieram de uma tradição católica, mas que chegando na área de ocupação decidiram não levar a religião adiante. Irão existir outras variáveis com certeza, mas que não será o foco da nossa pesquisa.

Trabalharemos com três igrejas, todas elas com dinâmicas sociais diferentes, alguns elementos da liturgia diferentes. Se comparar uma igreja evangélica e uma católica a diferença litúrgica é gritante. Porém, vamos nos concentrar no que nos interessa, de fato, no seu papel na construção cidadã em meio a um cenário de ocupação. A escolha das três igrejas de diferentes denominações na região, se deu pelo fato de as mesmas terem um aspecto em comum, uma escola. Cada uma tem uma escola de ensino infantil em suas dependências. E como bem sabemos, a escola tem papel fundamental na construção cidadão do ser humano.

Por mais que essas igrejas não tivessem uma escola de ensino regular desde seu começo, mas elas tinham EBD (Escola Bíblica Dominical), no caso das evangélicas e escola de catecismo,

no caso da católica. Não eram propriamente escolas, mas era um espaço onde as crianças aprendiam valores cristãos, liam a bíblia, recitavam versículos, participavam de atividades e aprendiam conviver em grupo, tendo um professor as orientando. As aulas aconteciam todo domingo de manhã nas igrejas evangélicas e funcionava como uma espécie de extensão do ensino regular, já que entre as atividades propostas estava a leitura, pintura, desenho, entre outras, que estimulavam o potencial do aluno. Mesmo algumas famílias não frequentando essas igrejas assiduamente ou quase nunca terem ido a um único culto ou missa, os pais mandavam seus filhos para aprenderem ou mesmo para ocuparem seu tempo no domingo de manhã.

As igrejas sempre estiveram presentes nas ocupações, ora dando suporte e ajuda aos membros, ora possibilitando aos fiéis uma proximidade ao sagrado, ao espiritual. Percebe-se que na periferia não há grandes templos com um número megalomaniaco de membros. São igrejas mais modestas, algumas construídas com o próprio dinheiro do pastor que, como já mencionei, não tem nem formação de pastor, mas sentiu o desejo de ajudar a comunidade e fez da sua casa, uma igreja, em que seus primeiros membros é sua própria família, a este fenômeno Clara Mafra (2001) irá chamar de “pentecostalismo autônomo”, ou seja, “a proliferação de pequenas igrejas fundadas e nomeadas por um crente mais inspirado”. São igrejas de denominação pentecostal e neopentecostal, em sua maioria. As igrejas pentecostais tiveram uma crescimento exponencial no Brasil nos últimos anos, esse crescimento expressivo se deve ao estilo proselitista que essas igrejas adotaram. Um estilo voltado mais para o “povão” e ajuda assistencial aos membros. Pode-se notar um número maior dessas igrejas nas áreas periféricas da cidade. As igrejas construídas no cenário de uma ocupação, não sustentam a mesma “beleza” que uma igreja construída no centro. Algumas são construções de madeira, coberta de palha.

Além das igrejas servirem como espaço de culto, adoração e louvor ao seu Deus, a igreja constitui-se também como um espaço social. Visto que se torna um ponto de encontro, onde os membros, após o culto ou a missa, divagam sobre os assuntos do cotidiano. As lideranças, cientes desse papel da igreja, fomentam a sociabilidade através de festas ou arraiais. As festas das igrejas evangélicas se diferem em vários pontos das igrejas católicas. Pra começar, as igrejas evangélicas promovem festas mais voltadas para seus membros, em forma de “louvorzão”, o próprio aniversário da igreja ou do pastor, celebração do casamento de algum membro. Por outro lado, a igreja católica promove suas festas ou arraiais para um público muito mais aberto do que os membros da paróquia. São festas regadas a bebidas, vendas de comidas típicas, bingo ou sorteio de prêmios,

dentre outros. Trata-se de uma festa muito mais pulsante aonde o objetivo é angariar recursos para a igreja, seja para a construção de uma igreja maior ou para mantimento da mesma.

Outro aspecto importante a ser analisado é a igreja e sociedade. Quando falamos em sociedade, não falamos só de quem frequenta as igrejas, falamos da sociedade de modo geral, daquelas pessoas que ajudaram a construir o bairro e que constituem o bairro. Importante salientar que nem todos são religiosos ou seguem uma religião cristã, nesse sentido, há uma pluralidade denominacional tanto de cristãos, nisto estão incluídos evangélicos e católicos, e de pessoas adeptas a outras religiões, como por exemplo, as de matriz africana, mesmo que em número ínfimo.

De vários estudos publicados voltados para a religião, nota-se uma escassez desse tipo de pesquisa na região, sobretudo os que envolvem as igrejas cristãs. Em geral, os estudos das igrejas, tanto as evangélicas quanto as católicas, acabam realçando aspectos cidadãos, participativos, evidenciando outro aspecto das igrejas que vai além do sagrado, visto que a igreja é um espaço de socialização. No que concerne aos levantamentos de estudos sobre a questão religiosa no Amazonas, se analisa a capital, deixando as cidades do interior à margem desses estudos, talvez por ninguém ter mostrado interesse em debruçar sobre este assunto, sendo um fenômeno relativamente recente. Em Parintins, esses estudos têm um desdobramento satisfatório, porém, quando faz esse tipo de estudo na região, fica somente no discurso da Igreja Católica e mesmo assim, não se analisam as periferias, onde as dinâmicas estão mais vivas, mais intensas, mais pulsantes. E por esse motivo, queremos suscitar esse debate.

Metodologia e referencial teórico

Utilizaremos o método da História Oral proposto por ALBERTI, FERNANDES & FERREIRA (2000), para a realização das entrevistas aos fiéis e líderes das igrejas, as entrevistas servirão para entender seus papéis e posições em um contexto de intenso conflito. Teremos a visão de um líder de uma igreja e um fiel e, desse modo, captar a visão e as experiências que tiverem durante a ocupação do bairro. Também estaremos realizando entrevistas com pessoas que não tem nenhum vínculo com elas, no sentido de que não frequentam, não participaram de nenhuma atividade ligada diretamente às igrejas, mas que moram no bairro desde a ocupação, afim de levantar dados a respeito de como essas pessoas viram as atuações das igrejas em suas comunidades.. Usaremos Alguns estudos sobre o catolicismo no Brasil feito pelo antropólogo Thales de Azevedo (1955), no qual chama a atenção para a decadência do catolicismo como “órgão de controle social”. No qual também aponta para uma transformação do campo religioso brasileiro.

Parintins vem se transformando e as igrejas assumem um papel de destaque nesse processo, sobretudo as evangélicas, presentes principalmente nos bairros periféricos que são oriundos de ocupações, dos quais são: Paulo Corrêa, União e Itaúna I e II. As igrejas têm diferentes formas de lidar com seus fiéis, seja no espaço físico, seja na forma de socialização, nas relações dos líderes com os fiéis e até mesmo frente aos mais variados movimentos sociais, inclusive os por direito à terra. Existe um elenco enorme de teóricos que suscitam em seus artigos e livros publicados a discussão religiosa no Brasil. Usaremos alguns para embasar teoricamente o presente projeto, dentre os quais: Clara Mafra (2001), num estudo que fez sobre a atuação dos evangélicos, aonde faz um contexto histórico dos evangélicos até meados dos anos 1990. Raymundo Maués (1968), dissertando a respeito das congregações religiosas na Amazônia, Jaime e Carla Pinsky (2003), organizadoras do livro *História da Cidadania*, onde vários autores versam a construção cidadã desde os tempos mais remotos aos mais contemporâneos.

Como já afirmamos anteriormente, o objetivo deste projeto não é traçar o histórico de cada igreja, mas trazer para o centro do debate as contribuições significativas que tiveram em meio a um período conflituoso política e socialmente. Mesmo que alguns não reconheçam o protagonismo das igrejas, é difícil negar a forte influência social e política que elas adquiriram nos últimos anos. Isto fica ainda mais evidente pela grande quantidade de políticos eleitos por partidos que se dizem cristãos e pela bancada evangélica no Congresso, composta por deputados de diferentes partidos que defendem temas cristãos se posicionando contra o aborto, legalização da maconha, questões de gênero, entre outros que consideram temas ofensivos dentro de uma sociedade cristã que seria o Brasil, segundo eles.

Referências Bibliográficas:

ALBERTI, Verena; FERNANDES, Tania Mara; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **História Oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Editora: Fiocruz, 2000.

AZEVEDO, Thales de. **O catolicismo no Brasil**. Um campo para pesquisa social. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1955.

MAFRA, Clara. **Os evangélicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. Congregações religiosas na Amazônia. In: MAUÉS, Raymundo Heraldo; FAÇANHA, Leonor Maria Sampaio; MAUÉS, Raymundo Heraldo; RODRIGUES, Fer-

SILVEIRA, Diego Omar; BIANCHEZZI, Clarice; TENÓRIO, Adriano Magalhães; REIS, Marcos Vinícius Freitas (org.). *Anais do I Simpósio Norte da ABHR e IX Semana de História do CESP/UEA: Amazônia no plural: religiões, fronteiras e identidades*. Juiz de Fora: ABHR/ Plura, 2017.

nando Mariano. **Ação das ordens e congregações religiosas na Amazônia**. Belém: Imprensa Universitária do Pará, 1968. p. 11-82.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **História da Cidadania**. São Paulo: Contexto, 2003.

SILVEIRA, Diego Omar; BIANCHEZZI, Clarice. “Demografia, cartografia e história das religiões em Parintins: novas possibilidades para o estudo da diversidade religiosa na Amazônia”. In: SILVEIRA, Diego Omar; BIANCHEZZI, Clarice; SILVA, Júlio C.; FERREIRA, Arcângelo S. (org.). **Pensar, fazer e ensinar: desafios para o ofício do historiador no Amazonas**. Manaus: Valer: UEA Edições, 2015. p. 185-204.